

Amor DE janela



MARIA FREITAS



Amor
DE
janela

*Para você que está em casa, sonhando com abraços e lidando com a
solidão.
Nós vamos vencer isso!*

Capítulo I

Dia cinco

Estamos todos em casa quando acontece. O sol começa a se expandir de repente, deixando tudo mais claro e mais quente. Fechamos as cortinas, as janelas, ligamos o ar condicionado e nos abraçamos na sala. Então tudo explode.

Os acordes da banda Braza invadem meus ouvidos quando acordo. Aquela batida é a primeira coisa que ouço. Às vezes, meu vizinho esquece que vive em sociedade e liga o som. Não é muito alto, mas é o bastante para incomodar alguém que está querendo dormir até o isolamento social acabar. Acho que nunca consegui gostar dessa banda por causa dele.

Mas não é exatamente sua culpa. As paredes desse prédio são finas demais, e qualquer barulhinho já pode ser ouvido pelo outro lado. Algumas vezes, eu o ouço tocar violão. Só tocar, nunca ouvi uma voz. Antes de ter que ficar presa em casa, cheguei a quase bater na porta dele para pedir que, por favor, cantasse alguma coisa — já que era para ficar me aporrinhando com aquele violão, podia pelo menos fazer o show completo. Nesses dias em que estou vivendo no meu quarto, fantasiei mais de uma vez como ele (ou ela, ou elu) seria, se não tinha outra banda para ouvir. Pensei até em perguntar o motivo de ouvir Braza de manhã e qualquer pagode de tarde. Talvez eu ainda pergunte.

Abro os olhos, tentando esquecer meu vizinho e me lembrar do sonho. É o terceiro consecutivo que tenho com o fim do mundo. Sério, chega! As coisas estão difíceis demais para a minha cabeça. É o quinto dia que estou presa em casa. Não só eu, aliás. Da sala, minha mãe grita, perguntando sobre o café, e meu pai responde que ela não lavou as vasilhas e que ele não faria

nada naquela bagunça.

— Lava você! Estou ocupada.

— Fazendo o quê? — A voz dele fica mais próxima.

— Organizando as nossas finanças.

— E desde que dia você organiza finanças, Ana Carolina? — Quase posso ver meu pai com a mão na cintura.

Eu me levanto da cama, sem fazer barulho, e vou até a porta espiar pela gretinha. Na sala, vejo os cabelos longos pretos da minha mãe esparramados pelas costas do sofá. Meu pai está parado, encostado na porta que dá acesso à cozinha. Os cabelos castanhos cacheados estão bagunçados. Ele parece não ter dormido direito, pois tem olheiras bastante escuras debaixo dos olhos.

— Desde hoje, uai. Eu não sei se vou ter emprego quando tudo isso passar, não posso dar mole.

— Ok... — Ele olha direto para mim. *Droga!* Tento correr de volta para a cama e fingir que nunca me levantei, mas é tarde. — Eu vi você, Camila. Vem lavar as vasilhas.

Saco!

— Tô dormindo! — grito.

— Para de ser ridícula, garota! — minha mãe devolve, lá da sala.

— Pede pro Marcelo, ele não tem mais nada pra fazer! — choramingo.
— Não é justo, só porque eu sou menina!

— Sai logo desse quarto ou eu vou aí te arrastar pelo cabelo.

— Nossa, mãe! Não sei pra que tanta violência. — Abro a porta do quarto e saio para a sala. — Isso é uma injustiça sem tamanho.

Sem parar de resmungar nem por um segundo, vou até a cozinha.

— Minha filha, você está com esse pijama há três dias! — Meu pai me julga assim que passo por ele.

— Não vou me vestir pra ficar em casa! — Analiso as vasilhas em cima da pia. — Eu nunca vi uma família sujar tanta panela. Até a forma? — Pegó o objeto, mostrando-o para o meu pai, sem me virar.

— Fiz torta ontem.

— Tem torta?

— Se o Marcelo não tiver comido tudo...

— Por que ninguém me chamou para comer? — Eu me viro, indignada.

— Eu chamei mais de uma vez, garota, mas você coloca aquele fone enorme nos ouvidos e não escuta ninguém.

— Era torta! — protesto, baixinho, me virando para a pia e pegando a forma para lavar. — Torta!

— Lava primeiro as do café.

Reviro os olhos e pego a leiteira. O fundo está cheio de açúcar agarrado.

— Já faz três anos que ninguém lava essa porcaria, pelo visto — reclamo alto.

— Camila! — minha mãe grita da sala.

— Só pode que essa mulher tem o ouvido biônico, eu hein! — Jogo detergente na bucha e começo a esfregar o fundo da leiteira. Meu pai abre o armário e tira os potes com açúcar e pó de café de lá de dentro, depois deixa a porta bater. — Vai! Quebra!

— Ai, garota! — Ele ri.

— O senhor pega meu fone e meu celular lá no quarto pra mim?

Ele coloca os potes em cima do fogão.

— Sua orelha não amassou ainda?

— Pai! — protesto.

— Não vou pegar, você precisa interagir com a sua família. Nada de fone.

— Ok. — Por pirraça, não digo mais nada. Lavo todas as vasilhas em silêncio, enquanto ele prepara o café conversando aos berros com minha mãe, que permanece na sala com seu notebook.

— Depois que você terminar aí, nada de ir se enfurnar naquele quarto. Vamos tomar café na varanda hoje.

— Quê? A gente nunca usa aquela sacada pra nada!

— A gente nunca nem fica em casa. Não vamos perder a chance de respirar um pouco de ar puro. Vou colocar as coisas do café lá e você venha.

— Sim, senhor, né? Não que eu tenha escolha.

A verdade é que eu também estou cansada de ficar o dia inteiro no quarto vendo lives no Instagram. Mas a grande questão é: do que eu *não* estou cansada? Já estava acostumada a ficar em casa o dia inteiro, mas a impossibilidade de sair deixa as coisas muito piores. É essa falta de escolha que me incomoda, não a limitação de opções de lazer.

E não é ruim sair um pouco, mesmo que seja para a sacada. A vista do oitavo andar não é lá grandes coisas, porque dá para o prédio da frente, mas é legal ficar observando meus vizinhos usando suas varandas das mais diversas maneiras. Tem uma senhorinha fazendo crochê, um rapaz bem gato correndo em uma esteira, uma moça pintando um quadro florido horroroso (desculpa, moça) e um senhorzinho regando vasos de planta.

Mas nossa sacada tem um ponto negativo, que sempre me faz evitá-la: ela fica perto demais da sacada vizinha, a somente duas janelas (uma é a do meu quarto) de distância. Então tudo o que a gente conversa aqui pode ser

facilmente ouvido por quem mora no apartamento ao lado. E não, eu não conheço meus vizinhos, nenhum deles.

Sou uma vergonha nacional.

Uma vergonha nacional antissocial e isolada.

— E sua faculdade, filha, já decidiu se vai fazer EAD?

— Ai, mãe... — Eu realmente não quero falar sobre a pior decisão da minha vida e não sei como contar para ela que quero desistir do curso no segundo mês. Minha mãe vai me matar. Então, que mate outro dia. — Até agora o que foi definido é que segunda-feira começam as aulas on-line, mas ninguém falou nada sobre reduzir mensalidade e essas coisas.

— Reduzir mensalidade por quê? — Meu pai me encara daquele jeito que ele faz antes de me dar bronca.

— Ué, por mudar de modalidade. EAD é mais barato, todos os alunos estão protestando no grupo do WhatsApp.

— É uma mudança temporária.

— Sim, então tem que reduzir o valor temporariamente.

— Mas os professores vão continuar trabalhando, alguns deles nem sabem como fazer uma transmissão ao vivo e vão ter que aprender. E os outros funcionários? Você é a favor de reduzir o salário deles?

Viu? Bronca.

— Mas, pai, não é justo com os alunos. Nós pagamos muito mais caro pela modalidade presencial... Fora que não são os alunos *nem* os professores que deveriam pagar por isso e, sim, nosso governo inútil. São eles que estão permitindo que as empresas cortem salário e jornada dos profissionais.

— Tudo bem, não vou discutir com você. — Ele dá o gole final no café e se levanta.

Minha mãe também se levanta, mas vem para perto de mim e coloca o braço no meu ombro.

— Deixa seu pai, filha. Ele está chateado demais com essa situação. Você está vendo o tanto de trabalho que ele anda tendo, preparando exercícios para mandar pros alunos...

Eu não estava vendo, para ser bem honesta.

— Ai, tudo bem, mãe. — Cruzo os braços, me perguntando se essa não seria uma boa hora para dizer que estou inventando qualquer motivo para justificar o fato de eu não querer mais fazer essa faculdade. Decido que não. — Não toco mais no assunto.

Quando ela sai, fico alternando meu olhar entre a sacada ao lado da nossa e minha caneca de café com uma ilustração do Spock. Eu queria, na verdade, era uma caneca com um desenho da Michael de *Star Trek: Discovery*, mas nunca encontrei uma dessa.

Vejo uma cortina se mexer na varanda vizinha e uma pessoa sair. No susto, ou talvez por impulso, dou um pulo na cadeira e bato o joelho na mesa, derrubando a garrafa de café que, felizmente, está fechada. A pessoa do lado de lá me encara e a vontade que sinto de me esconder só aumenta. Acho que nunca vi alguém tão bonito em toda a minha existência. Deveria ser proibido. Se eu continuar minha faculdade de Direito, vou criar uma lei que proíba as pessoas de serem tão bonitas. Sinceramente, não dá. Chega a ser humilhante.

— Ei. — A pessoa sorri para mim, passando a mão sobre a cabeça raspada. — Eu sou o Erick.

Oi, Erick, como você é lindo!

— Ei, eu sou a Camila! — Aceno, com um sorriso completamente sem graça no rosto. Meu coração está dando pulos dentro do peito; não consigo controlar direito nenhum dos meus gestos, então só fico parada, olhando para ele.

— Nunca vi você aí. — O sorriso dele ainda está no rosto. Um sorriso

cheio de dentes brancos e lábios grossos, pintados de roxo escuro. Me bate uma vontade de correr e pular na sacada dele só para ver aquele sorriso mais de perto. O problema é que, se eu tentasse fazer isso, provavelmente cairia no vão entre as varandas e despencaria por oito andares. Não é mesmo uma boa ideia.

Abaixo o olhar, pois não consigo evitar, e observo a blusa amarela que ele veste. A cor combina perfeitamente com o tom escuro da pele de Erick. Daqui não dá para ver o restante do corpo, por causa da mureta da sacada, mas só posso imaginar que até os pés dele devem ser perfeitos.

— O que a quarentena não faz, né?

Tento dar um sorriso mais sincero, torcendo para que Erick não tenha reparado que eu o estava secando com o olhar, e acho que sou bem-sucedida, porque ele alarga o sorriso.

Erick coloca os braços sobre o parapeito da janela, e é quando reparo que ele traz algo na mão. Parece um tablet.

— Pois é. Estou até lendo mais! — Ele ergue o objeto.

— E o que você tá lendo?

— Ah, alguns contos que baixei de graça. Mas acho que nem se essa quarentena durar quinze anos vou conseguir ler todos.

Peraí, ele tem a língua presa?

Ele tem, sim.

Acho que vou ter um treco. Não consigo respirar direito, o ar está agarrado no meu peito, o apertando de dentro para fora.

— Baixou de graça como? — pergunto, com o que sobra da minha voz.

— Alguns escritores e editoras liberaram e-books gratuitamente. Eu tentei pegar só os LGBTQ, mesmo assim foram muitos.

— Onde você achou? — Não que eu goste muito de ler. Mas não ia falar isso para ele e ser julgada por toda a minha vida. E outra: quero continuar conversando para ver se passa essa sensação de morte iminente.

Ele tem a língua presa! É a coisa mais fofa do mundo.

— Tem um perfil no Twitter chamado Cadê LGBT que postou vários livros LGBTQ de graça.

— Ah, que legal! Vou procurar agora.

Estou pedindo indicações porque quero impressionar meu vizinho? Sim. Mas talvez esses livros de graça me tirem um pouco do tédio.

Pego meu celular sobre a mesa e abro o aplicativo do Twitter, dando goladas no meu café enquanto procuro as listas de livros de graça.

— Nossa, realmente são muitos.

— Vê se esses que você tá olhando estão gratuitos hoje, porque todo dia muda.

A voz dele, nem tão fina nem tão grossa, o sotaque chiado que eu costumava detestar, a maneira como o som se perde um pouco com o vento, faz algo dentro de mim chacoalhar, me faz querer ouvi-lo mais. E isso me assusta. Ando sentindo tão pouco, que sentir algo, mesmo que bobo, faz meu coração saltar.

Eu me levanto, de repente.

— Vou entrar. A gente se vê por... bem, por aqui! Vou aproveitar para ler também.

— A gente se vê, Camila. — Erick passa a mão direita no braço (e que braço!) esquerdo.

Lindo!

Ele parece um pouco decepcionado — ou talvez seja a minha ilusão

esperando que ele quisesse conversar mais comigo e acreditando que minha fuga repentina o tenha frustrado.

Viro as costas, tentando não parecer desesperada, e entro em casa.

Meu Deus, preciso arrumar alguma coisa concreta para fazer antes que minha cabeça se perca completamente nesse mundo fantasioso envolvendo vizinho gato, livros gratuitos e Braza (daqui a pouco até começo a gostar da banda).

Será que é ele quem me acorda todos os dias?

Meu coração salta de novo no peito.

Será possível?

Minto para mim mesma, me dizendo baixinho que sou superior a qualquer possibilidade de crush. Mas, quando chego ao meu quarto, vou direto para a janela espiar Erick, escondida atrás da cortina.

Capítulo II

Dia sete

Sonhei duas vezes que o mundo acabava em um tsunami. E, no meio do sonho, Erick aparecia em um barco para me salvar, mas a gente acabava sendo jogado no meio do mar por uma onda gigante. E eu me molhava toda antes de acordar.

Acho que os sonhos foram diferentes em algum momento, mas não consigo me lembrar.

Meu pai insiste para que tomemos café todos os dias na sacada. Acho que ele está a um passo de surtar e sair correndo desse apartamento, o que me deixa preocupada porque estamos apenas no sétimo dia e eu sei que vamos ter que ficar em casa por muito mais tempo.

Para a minha sorte (ou azar), não encontro Erick.

Mas eu o vejo, só que da janela do meu quarto. Sei que é estranho, pena que não ligo. No dia anterior, eu havia ficado horas na janela vendo Erick ficar horas na sacada olhando o prédio da frente. Ele leu tanto quanto eu (ou seja, nada). Desconfio que meu vizinho esteja a fim de alguém ou investigando um crime, essas são as únicas explicações para alguém passar tanto tempo vigiando a vida dos outros.

Ou talvez ele só esteja entediado.

— Você vai ficar o dia inteiro nesse quarto de novo, Camila? — Meu pai entra sem pedir licença.

— Vou — digo, emburrada, me virando para encará-lo. — Ninguém enche o saco do Marcelo.

— Seu irmão está na sala vendo filme com sua mãe.

— Vendo filme *ruim* com a minha mãe — corrijo.

— O que você quer ver?

— A terceira temporada de *Star Trek: Discovery*.

Ele coloca as mãos na cintura.

— E por acaso já estreou?

— Não. — Eu me viro de novo e volto a olhar para a sacada de Erick da minha janela. Para a minha sorte, ele não está lá.

— Por que você é tão difícil?

Dou de ombros e ouço algo ranger.

— Você vai ficar aí? — pergunto ao ver meu pai sentado na minha cama.

— Vou te fazer companhia hoje. Quero saber o que o seu quarto tem de tão interessante.

— Para de ser chato!

— Vamos lá, Camila, é só um filme! Hoje é sábado!

— Todo dia é sábado agora, pai! — Vou até ele e me sento do seu lado.
— Eu só não quero ver nada. Nada parece ser legal o bastante.

Ele mexe no meu cabelo.

— Eu entendo, também estou achando um saco ter que ficar preso em casa. Mas não há o que fazer. Estamos em uma pandemia global contra um

vírus que a gente ainda não tem como combater. Precisamos fazer esse sacrifício.

— Eu sei...

— Não é melhor ficar em casa junto com a sua família do que aqui sozinha no quarto fazendo sei lá o quê?

Vendo meu vizinho gato fazer um total de zero coisas em sua sacada.

Eu sei que estou sendo ridícula.

— Tá bom! Mas, por favor, um filme *bom*!

Ele se levanta.

— Vou deixar você escolher.

Capítulo III

Dia oito

Alienígenas invadem o planeta e destroem praticamente toda a população humana. Estou fugindo deles com um vestido rosa e uma flor na mão, meus cabelos batendo nas costas enquanto corro, quando alguém agarra meu braço. Vejo os olhos escuros de Erick e dou um passo para trás. Ele é um deles. Tento correr, mas sou agarrada com força. Sinto o chão se desfazer sob os meus pés, como se eu estivesse caindo, e uma pressão nos meus braços me faz virar. Encaro Erick. Minhas mãos suadas ainda tentam afastá-lo de mim, mas não conseguem. Não sei se *quero* me afastar dele.

Então acordo.

Ouçó Marcelo conversar tão alto que parece que está dentro do meu quarto. Meu irmão está nervoso porque o patrão decidiu abrir a pizzaria, o obrigando a sair de casa para trabalhar ou a correr o risco de ser demitido.

A primeira coisa que faço é ir até a janela. Estão os três sentados na varanda, tomando café. Meu pai, nervoso, bate a colherzinha de açúcar na borda da xícara. Não consigo ver o rosto da minha mãe nem do Marcelo, pois estão de costas para a minha janela.

Sinto algo estranho nos dedos, um nervoso, uma inquietação. Não posso me estressar agora. Mas, pê-quê-pê, abrir uma pizzaria em pleno surto de um vírus com alta possibilidade de contágio? Não dá para defender. Acho que a vida não vale nada para esse povo.

Não vou me estressar. Fecho os olhos e coloco os dedos nas têmporas.

Não vou.

— Ei! — Ouço a voz de Erick e quase respondo com um “oi”. Porém, ao abrir os olhos, vejo que ele não está falando comigo. Acho que nem me viu aqui, escondida atrás da minha cortina rosa.

— E aí, Erick?

Espera, o Marcelo conhece nosso vizinho?

— Como está a quarentena? — Pela maneira como meu pai pergunta, acho que só *eu* não conhecia o Erick. Meu Deus, em que mundo eu vivo?

— Tá indo bem, seu Patrício. Inovando no jeito de lidar com os meus pais. — O sorriso dele é realmente um paraíso.

— O sargento está ficando em casa?

— Não, não. Ele está trabalhando normal. — Erick passa a mão direita na nuca. — A polícia está toda na rua cumprindo o decreto do governador. Só que essa situação está estressando todo mundo.

Sargento?

O pai do Erick é um sargento?

Meu vizinho é um sargento?

Puta merda! Como que eu nunca nem vi esse homem por aqui?

— Eu imagino! — Minha mãe se levanta. — Vou trabalhar, pessoal. A direção aprovou o home office, então, vou aproveitar que não tenho nada para fazer e me organizar porque vai ser uma semana inteira sobrecarregada!

— Também vou, tenho trabalhos para corrigir.

A porta da sala range e demora alguns minutos para alguém voltar a falar.

— Conheci sua irmã esses dias. A famosa Camila-que-ninguém-vê.

O quê? Famosa?

Que tipo de fama é essa?

Meus dedos formigam ainda mais.

— Ela saiu da toca? — Marcelo solta uma risada, que ele logo abafa. — Xiu, tem que falar baixo porque essa aí é a janela dela.

Eu me afasto, ainda ouvindo a conversa.

— Ah é? Eu não sabia!

— Se bem que... duvido que ela esteja ouvindo. Essa garota fica o dia inteiro com fone no ouvido, só para evitar o mundo ao redor dela.

— Não posso dizer que ela esteja errada!

— Quem não quer se alienar, né? Bom, amigo, vou nessa. Tenho que me preparar psicologicamente para trabalhar hoje.

— Ué, a pizzeria vai abrir?

Marcelo solta um muxoxo.

— Se nem o presidente respeita a quarentena, quem vai respeitar?

— Aquele... — Até o jeito como Erick xinga é lindo. Estou apaixonada.

Ok, não estou apaixonada, vai! É só um crush bobo que vai passar logo, porque na minha vida é sempre assim.

Meu pai me chama para tomar café, mas eu o ignoro e fico aqui observando Erick puxar uma cadeira e se sentar, como faz todos os dias. Pego meu fone de ouvido e escolho uma playlist do Imagine Dragons.

Escuto cinco músicas, sem conseguir me concentrar em nenhuma delas.

Erick se movimenta na cadeira, erguendo-se um pouco para ver melhor sobre o parapeito da sacada.

Que inferno, o que ele está fazendo?

Não dá para ficar a quarentena inteira vendo meu vizinho observar sei lá o quê. Preciso descobrir o que ele tanto olha.

Saio do quarto e ando de fininho pela sala para não ser abordada por ninguém. Vou até a varanda, com a desculpa pronta de que estou indo tomar café. Mas ninguém me incomoda.

Erick olha na minha direção assim que abro a porta.

— Ei!

— E aí?

— Achei que não fosse ver você hoje!

Meus joelhos tremem. *É só um crush*, preciso insistir a mim mesma, para que meu corpo não faça esse tipo de coisa e entregue que estou caidinha pelo vizinho.

— Olha, se dependesse da minha disposição, ninguém me veria dia nenhum!

Ele ri e se levanta da cadeira, indo parar no parapeito da sacada. Pego minha caneca em cima da mesa.

— Acho fofa a fé do meu pai de que eu realmente sairia para o café.

— Quê?

— Ah! — Ergo a caneca. — É que meu pai deve ter colocado a mesa e trouxe minha caneca para cá, botando fé que eu viria tomar café.

— O seu Patrício é muito foda! — Erick coloca os cotovelos sobre a mureta e apoia o rosto nas mãos.

— Ué, não sabia que você conhecia meu pai. — Relaxo, encostando as costas no espaldar da cadeira.

— Ele é meu vizinho.

— Você é meu vizinho e eu não conhecia você. Não que eu seja parâmetro.

— É você que ninguém conhece, Camila. — Erick apruma as costas, deixando as mãos livres sobre o parapeito. — Você é o grande mistério do prédio. Há apostas para decifrar como é seu rosto.

Solto uma risada.

— Para de bobagem!

— É sério...

Encho minha caneca com café e vou até a mureta, ficando de frente para ele.

— Se é sério, como você achava que eu era?

— Agora cê me pegou!

Eu bem queria.

— Eu achava que você era a versão feminina do Marcelo.

— Você inventou isso agora!

— Verdade! Tô falando. Às vezes, eu ficava no meu quarto pensando: como será que minha vizinha é?

— Besta!

— Aposto que você nem sabia que tinha um vizinho. Devia achar que o apartamento estava vazio.

Levanto o braço que está livre.

— Ok, tá certo! Você venceu! — Bebo meu café de uma vez, ponderando se devo citar que sempre ouço as músicas que meu vizinho ouve. Decido que não. — Eu sou uma pessoa estranha.

— Eu entendo, já fui muito assim.

— Assim?

— É, de ficar no quarto, com o volume do fone de ouvido o mais alto possível, só para não ter que lidar com minha família.

— Mas a minha família é ótima! Eu não estou lidando muito bem é com essa coisa de isolamento.

— Nem eu. Pra mim está sendo péssimo, mas fico pior ainda de imaginar como seria se a gente não tomasse todas as medidas necessárias.

— Ficar em casa é mais difícil pra algumas pessoas que pra outras, né?

Ele aperta os olhos e dá de ombros levemente. Será que falei algo que não devia?

— É. Nem todos os pais fazem café da manhã na varanda.

Eu sei que Erick não diz por mal, mas me sinto péssima. Acho que isso transparece na minha cara.

— Desculpa, eu não estava falando... tipo. — Ele tenta se explicar, mas se embola.

— Tudo bem! É a verdade. — Sorrio e viro as costas para ele, só para colocar a caneca sobre a mesa. — E eu entendo.

— Eu nem falo por ser difícil pra mim e tal. Tem amigos meus perdendo completamente a cabeça, e o isolamento só começou. Eu sou até de boa com minha família, já brigamos tudo o que tínhamos pra brigar. Acho que você me entende. — E de novo o sorriso bonito.

Eu não entendia, porém imaginava. Abro a boca para perguntar mais sobre a relação dele com a família, mas me arrependo e mordo o lábio.

— E como foi para a *sua* família? — É ele quem pergunta. — Quando você contou que era lésbica...?

— Ah... Mas eu não sou lésbica, não.

— Uai, o Marcelo...

— O Marcelo é um linguarudo que fica jogando FIFA o dia inteiro e nem participa das discussões de família. — Estou acusando meu irmão de ser exatamente como eu. — Eu não sou lésbica... sou bi. E beijaria fácil sua boca, por exemplo.

Eu pensei ou eu disse isso?

— Obrigado?

Eu disse. Meu Deus, eu disse! Como vou consertar isso?

— É que você é bem gato.

Piorei.

Eu devo estar vermelha igual um tomate, e olha que eu nem fico muito vermelha.

— Ok, eu entendi. — Ele está rindo? Será que está rindo de mim? — É que o Marcelo me disse que você era lésbica, falou até que você tinha uma namorada.

— *Namorada* é uma palavra muito forte! Estava mais para um crush platônico que foi correspondido e eu não soube lidar.

Erick coça o braço esquerdo, que está sobre o parapeito. Reparo as tatuagens que ele tem ali. Pena que, de longe, não consigo ver os detalhes. E eu quero ver os detalhes bem de pertinho, tocar nos detalhes, depois beijar os detalhes.

— Por falar em crush platônico... — ele diz, tão baixinho que quase não ouço, e dá uma olhada no prédio à frente. Eu o acompanho.

— O que tanto te intere... ah! — A decepção faz minha voz sumir. Um boy (um boy bem gato) está regando as mesmas plantas que um senhorzinho regara dias antes. Ele está cantando alguma coisa, que não consigo ouvir, vestido apenas com um shortinho esportivo preto. Acho que deve ser um pouco mais claro que Erick ou da mesma cor, e tenho certeza de que fariam um casal muito bonito juntos.

Sinto meu estômago revirar.

— Por que você não coloca uma cartolina na sacada, tipo naquele clipe da Taylor Swift?

Erick me olha com os olhos semicerrados, numa expressão que diz: “jura?”

— Taylor Swift?

— É, uai. Funciona.

Ele ri.

— Não vou escrever numa cartolina pro meu vizinho. Vai que ele é hétero!

— Pronto! Já temos o conteúdo do recado!

— Eu não vou escrever uma cartolina perguntando se o boy é hétero! — Erick se vira para mim e, rindo, sugere: — Por que você não escreve?

— Eu? — Coloco a mão no peito.

— Uai, você que sugeriu.

— Mas é você que é a fim dele!

— Poxa, Camila, colabora comigo, vai...

— Vou pensar no seu caso. — Eu me viro e jogo a mão para cima com a palma aberta, dando o assunto por encerrado. — Amanhã.

Capítulo IV

Dia nove

Pompons coloridos caem do céu, como meteoros. Pessoas desesperadas correm para dentro dos prédios. Os gritos chegam até onde estou, na varanda, aqui no alto, olhando para cima, para o céu vermelho que nos cobre. Um pompom azul cai logo à minha frente e acompanho sua descida com o olhar. Mas meus olhos param ao chegar no prédio da frente, onde uma cartolina está pregada entre dois vasos de planta.

“Não sou hétero, pode me beijar.”

Acordo aflita.

Será possível?

— Todo dia esse inferno de sonho!

Eu me levanto e vou até o guarda-roupa escolher algo para vestir. Se ficar enrolando nesse quarto hoje, vou surtar. No banheiro, vejo a bagunça que meu cabelo virou nos últimos dias. Esses fios costumavam ser parecidos com os longos fios escorridos da minha mãe, mas agora é tanto frizz que nem sei. Acho que só lavar o rosto não vai ser capaz de tirar todo o tédio que estou sentindo, então tomo um banho, escovo os dentes, visto algo bonito e penteio o cabelo.

— Que milagre é esse? — Minha mãe até fecha o notebook para dar total atenção a esse acontecimento histórico, assim que me vê sair do quarto.

— Falo nada. — Reviro os olhos.

— Uai, irmãzinha, que bicho te mordeu? — Marcelo está saindo da cozinha segurando um pedaço de torta. Eu o chamo com o dedo.

— Você! Vem aqui! — Vou para a sacada na esperança de que ele me siga.

— O que foi?

Tomo a torta de sua mão e a enfio na boca, em seguida indicando com um gesto para que ele me espere terminar de comer.

— Então — começo, ainda com a boca um pouco cheia. — Que história é essa de você sair por aí contando para o prédio todo que sou lésbica?

— Não contei pro prédio todo, só comentei com o pessoal que joga bola comigo.

Dou um tapa no braço dele.

— Mas você é um fofoqueiro do caralho, hein?

— Uai, não falei nenhuma mentira, né? Você ficava pra lá e pra cá com aquela tal de Júlia.

— O que não quer dizer que eu seja lésbica.

— Então você é hétero?

Uno as mãos e as levo à boca, como se fosse rezar. E chego a pensar em fazer isso mesmo. Só Deus para me dar paciência.

— Criatura divina do Senhor, eu sou bi.

— Ah... igual o Erick.

— O Erick é bi? — Nem disfarço meu interesse. Meu irmão me ignora completamente.

— Então você gosta de *mulheres* e de *homens*, é isso?

— Eu gosto de *peessoas*. Todos os tipos de pessoas, binárias ou não.

— Ou... poxa. — Marcelo coça o pescoço, abaixando a cabeça e encarando os pés, como se denunciasse “fiz merda”. *Poxa o quê?* — Então você super de boa ficaria com, sei lá, uma pessoa não-binária, tipo o Erick? — A voz dele está estranha.

— Por que você está me perguntando isso? — Desço as mãos da oração para a altura do estômago.

— Por nada, não... — Ele tenta escapar, mas o impeço.

— Por que você está me perguntando isso? — repito.

— Já falei que por nada.

Meu irmão escapa e corre para a sala.

O que foi que ele fez?

— Marcelo... — Vou atrás dele. — Volta aqui.

— O que foi, minha filha? — meu pai pergunta, parado na porta da cozinha, com um pano de prato no ombro.

— Nada! — Eu me jogo no sofá ao lado da minha mãe. No entanto, antes que ele vire as costas e volte para lavar as vasilhas, pergunto: — Pai, o senhor tem cartolina aí?

— Não sei, devo ter algumas coisas lá no escritório.

— Posso procurar?

— Lógico. Só não faz bagunça.

Minha mãe ri, debochada.

— Como se tivesse como bagunçar mais aquele lugar!

— Nem é tão ruim assim — ele protesta.

— É ruim o bastante para eu preferir trabalhar na sala.

Meu pai não fala mais nada.

— Tá vendo, mãe? Ele nem se defende! — Apoio as costas no sofá e pego o controle remoto. Ligo a TV e começo a zapear os canais, em busca de algo interessante para ver. No entanto, nada me chama a atenção. Ando tão entediada que chega a ser um incômodo físico, um cansaço sem fim, um desânimo, um peso no corpo.

Eu me levanto e começo a andar pela sala, de um lado para o outro. Depois, vou até meu quarto pegar o celular, mas as mensagens nos grupos parecem não ter graça, assim como o Twitter. Está todo mundo falando sobre um reality show que parei de assistir no ano passado.

Vou até a cozinha, pego três pedaços de torta e coloco em um pratinho. Penso em brincar com meu pai que, desde que ele aprendeu a fazer torta de frango, agora essa é a única coisa que ele faz, então nem é mais novidade. Mas, sei lá, até brincar parece entediante. Quero sair de casa. Passear por aí. Fazer coisas que eu não fazia antes, só porque agora percebi que não vou mais poder fazê-las por um bom tempo.

Olho na direção da porta do escritório. *Estou mesmo cogitando essa possibilidade?*

Quinze minutos depois, estou na sacada, sentada com os pés apoiados na mesa, ao lado de três cartolinas e duas canetas de ponta grossa. Já comi toda a minha torta e bebi duas canecas de café. O que me resta agora é esperar. Mais quarenta minutos se passam e Erick não aparece. Desisto. Toda essa história é uma grande bobagem.

Decido fazer a mesma coisa que a maioria das pessoas está fazendo para passar o tempo. Vou para o meu quarto, pego meu celular e começo a votar para eliminar um participante do reality show, apesar de nem saber quem é

quem.

E nessa, pego no sono, perco o almoço, sonho de novo com o fim do mundo e acordo com alguém tocando violão e cantando Imagine Dragons. Certa de que estou passando por uma experiência de sonho dentro de sonho, vou até a janela. Erick está lá na varanda, sentado na mesma cadeira de todos os dias, tocando um violão preto e cantando *Demons*.

Puxo a cadeira da minha penteadeira improvisada para debaixo da janela e canto baixinho, porque essa é a *minha* música (essa e pelo menos outras dez da mesma banda). Na sequência, ele canta algumas músicas que não conheço e o som delas disputa com o do meu estômago roncando.

Saio do quarto e estranho a sala vazia. Na cozinha, vejo um bilhete na geladeira, apoiado por dois ímãs.

“Fomos ao supermercado, voltamos logo. Esquente a comida que está no micro-ondas.”

Sigo a instrução e almoço ali mesmo, pois são duas da tarde e estou morta de fome. Como, escovo meus dentes, ajeito o cabelo de novo e só então saio para a sacada.

Erick ainda está na varanda tocando violão. Mas ele para quando me vê.

— Estou incomodando?

— Não. Pode continuar! — Eu me sento, deixando o celular em cima da mesa, do lado das cartolinas. — Vim aqui pra ouvir.

— Não sou tão bom assim...

— Ah, tá bom... O modesto! Me diga aí, modesto, qual o seu twitter?

— Meu twitter? Uai, tá querendo me stalkear?

— Lógico!

— É só procurar nas últimas pessoas que seguiram você. — Erick me

lança aquele maldito sorriso e quase peço para ele parar. Pego meu celular e abro o aplicativo, com certa inquietação. E, de fato, está lá, a última pessoa que me seguiu. Dou uma olhada rápida na descrição, checo os pronomes e vejo que o tweet fixado é uma thread sobre a escolha do nome.

— Erick é o nome de um ranço meu do ensino fundamental — comento, sem olhar para ele. — A mãe dele é eleitora daquele-que-não-deve-ser-nomeado. Minha treta com ela foi a última coisa boa que fiz no Facebook. Mas, apesar disso...— Olho para ele. — Acho que combina com você, sabia?

— Obrigado! — Erick abre o maior sorriso que abrira até o momento. Sorrio também, até meu rosto doer.

— Você deveria colocar seus pronomes na bio também. Todo mundo deveria. Facilita a nossa vida.

Faço o que ele diz na mesma hora.

— Pronto! — Jogo o celular em cima da mesa. — Mais tarde vou passear pelo seu perfil e ler todos os seus tweets para ver que tipo de vizinho eu tenho. Já vi que você gosta de umas séries que olha...

— Você tem algum problema com *The Good Place*?

— Não vi. Nem ela, nem *Brooklyn Nine-Nine*.

— O quê? Você não viu *Brooklyn Nine-Nine*?

— Eu gosto mais de sci-fi, sabe?

— Não quero mais conversar com você! — Ele ergue o braço, como se tampasse a visão do meu rosto.

— Aposto que você nunca viu *Star Trek: Discovery*...

— Não vi, mas você está querendo comparar o incomparável.

Cruzo os braços e faço uma sugestão:

— Se você assistir a minha série, eu assisto a sua. E olha que a minha tem muito menos temporadas.

— Fechado. Vou começar *hoje*!

— Ok, então temos um acordo.

Capítulo V

Dia dez

Gritos empolgados ecoam pela noite antes tensa. Os alienígenas foram expulsos pela união das pessoas e agora todo mundo comemora a partida das naves que cortavam o céu com suas luzes coloridas.

É a primeira vez que o mundo não acaba no final do meu sonho.

As cartolinas em branco estão na cadeira embaixo da janela e, por cima delas, meu notebook descansa depois de doze horas de maratona.

No começo, foi difícil me acostumar com um estilo tão diferente de humor de *Brooklyn Nine-Nine* (e com alguns pontos problemáticos da série), mas com o tempo os personagens me pegaram e, quando percebi, estava tão apaixonada que não conseguia parar de ver.

Erick conseguiu terminar a primeira temporada de *Star Trek: Discovery* e me mandou tantas mensagens sobre o plot twist e o final, que tive que ignorar e dormir, pois já estava caindo de sono. *Isso porque ele ainda não viu a segunda.*

Ficamos tão empolgados com o acordo das séries que nem tocamos no assunto “cartolinas para o vizinho gato”. Só lembrar disso faz meu estômago dar voltas e mais voltas. Acho que a sensação está piorando e tenho medo de que meu crush também.

Quero que Erick me note, que acorde e me mande mensagem, que converse comigo através de figurinhas e GIFs e que curta as bobagens que eu posto no Twitter. Quero que ele goste de mim, da pessoa que eu sou, além da

pessoa que quer chamar a atenção dele na internet. E isso vai muito mais além do que apreciar a beleza de alguém distante. Não sei quando foi que deixei apenas de achar meu vizinho bonito e caí nesse looping de ficar olhando para o celular esperando que ele me responda. Eu sinto quase como se eu pudesse tocá-lo. E isso me assusta, me faz querer correr.

Eu me levanto, prestando atenção na batida que vem do quarto ao lado. Conheço esse som, só preciso me concentrar para ouvir que música é. Depois de um tempo, consigo decifrar os acordes de *Shots*, do Imagine Dragons. Será possível que meu vizinho de parede seja o Erick?

Pego meu celular no chão ao lado da cama e abro o aplicativo de mensagens. Há treze ainda não lidas dele, mas as ignoro.

Não me diga que seu quarto é do outro lado da minha parede?

Mundos paralelos, jura?

Não muda de assunto.

Você que está mudando de assunto.

Sim.

Minha janela é do lado da sua.

É eita atrás de eita.

Os apartamentos devem ser espelhados.
Para a minha sorte, você tem um gosto musical até razoável.

Na verdade, estou ouvindo Imagine Dragons por sua causa.

Ah, é?

Quero aprender outra música deles para ver se chamo sua atenção.

Ele está me deixando sonhar. E até aí tudo bem.

O problema é que pensei que nada disso passaria de um crush platônico bobo, que eu ficaria observando meu vizinho pela janela e não que a gente

começaria a *conversar* pela janela, a falar sobre séries e sobre nossos pais, sobre a vida e as coisas que a gente gosta, que ele me perguntaria como eu estou em vez de me dizer o que eu devo fazer ou não.

Com isso, eu não sei como lidar.

Preciso respirar.

Comecei uma faculdade e deu errado.

Respirar.

Minha vida inteira é uma sequência de planos nos quais não mergulhei e, quando mergulhei, deram errado. Já é decepção demais para uma pessoa só.

Por que eu tenho tanto medo?

A pergunta é lançada pelo meu próprio cérebro. E eu deveria saber responder, mas não sei.

Consegui cartolinas.

Envio e me arrependo em seguida. Não dá nem tempo de apagar.

Perfeito! Eu já sei o que quero que você escreva!

Diz aí que escrevo agora.

Me sinto um pouco decepcionada. Não sei o que estava esperando. Sem querer me colocar para baixo — o que prometi que não faria (mas sigo fazendo, pois sou humana e autoestima não cai do céu) —, sei que eu não teria chances contra um boy daqueles, que, além de gato, ainda rega as plantinhas do (eu imagino que seja) avô. Enquanto isso, eu fico em casa, fazendo nada vezes nada e reclamando dos meus pais que são ótimos.

Mas a julgar pelas nossas conversas e pelas indiretas dele, eu cheguei a pensar que... Não sei.

Vamos fazer isso depois?
Quero terminar logo essa série.

Ok.
Também quero ver alguns episódios da sua série para confirmar meu
crush.

Crush em quem?

Em você!

Na Rosa, lógico!

Capítulo VI

Dia onze

Desaparecimentos estranhos em todo o mundo parecem estar ligados a mim. Estou no prédio da frente, olhando para duas pessoas segurando cartolinas brancas, ambas com as palavras “por favor, me leve” rabiscadas em azul, cada uma em sua varanda. O céu escuro é cortado por uma luz vermelha, que vai do chão até onde sou capaz de olhar. Olho de novo para o prédio da frente e, dessa vez, só vejo uma pessoa com um cartaz onde está escrito:

“Agora você tem a obrigação moral de me levar também. Ninguém mandou sumir com meu crush primeiro.”

Eu deveria anotar esse sonho. É a primeira coisa que penso ao abrir os olhos, contra a minha vontade. Pego meu celular, pronta para fazer isso, e vejo que recebi uma mensagem de voz de Erick.

— Vamos resolver aquilo da cartolina hoje? Preciso saber logo se tenho alguma chance com meu crush.

Um balde de água fria logo pela manhã que é para eu acordar de uma vez.

Por falar em água fria, acho que é disso que preciso. Vou então ao banheiro e tomo um banho bem gelado, e espero que assim eu deixe de ser trouxa. Nem animo de me arrumar, só visto qualquer coisa e desembaraço o cabelo.

Tomo café e como biscoito de água e sal com margarina, esperando

Erick aparecer para a última pá de terra no meu crush (que quase deixou de ser) platônico.

— Camila, sua faculdade resolveu a questão do EAD? — Meu pai coloca o rosto pela abertura da porta.

Eu demoro a responder, pois estou com a boca cheia de biscoito e também porque ainda não decidi se devo falar logo a verdade.

Ah, quer saber de uma coisa? Eu vou falar, sim. Chega de fugir das coisas. Preciso encarar ao menos essa decepção de frente.

— Então, pai, eu decidi trancar o curso.

— Como é? — Ele caminha devagar e se senta do meu lado.

— É isso. Não dou certo com Direito. Acho que já sabia disso antes mesmo de começar.

— Então por que começou? — O jeito paciente de professor que ele tem às vezes me irrita mais do que me acalma.

— Porque eu pensava que precisava sair logo do ensino médio com um objetivo de vida, com um futuro traçado e planejado ou com, pelo menos, um plano. Mas a verdade é que não tenho nada disso. Ainda nem sei o que quero fazer da vida.

Pronto, falei.

— Sua mãe vai te matar! — Ele dá um tapinha no meu ombro e se levanta. — Já vou até me preparar pros gritos.

— Nossa, ajudou bastante — reclamo, com ironia. — É só isso que o senhor vai dizer, bonito?

— Vou falar mais o quê, garota? Eu trabalho com jovens há mais de quinze anos. É muito pesado querer que vocês definam todo o futuro de vocês com dezesseis, dezessete anos. Tenho o dobro disso e às vezes não sei o que quero da vida. — Ele sorri. — Vai ficar tudo bem. Digo em relação a

tudo. Fica tranquila. Você não tem que definir nada agora.

— E se o mundo acabar amanhã e tudo o que eu tiver for o agora?

— Então aproveita esse agora para ser feliz e não para se preocupar com um futuro que você nem sabe se vai vir.

— Se minha mãe ouvir você falando isso, ela te mata.

— Eu sei. Então, xiu. — Ele coloca o indicador nos lábios. — Fica quieta.

Solto uma risada baixa e o acompanho com o olhar até ele entrar na sala e fechar a porta.

Talvez meus sonhos estejam querendo me mandar um recado. O que aconteceria na minha vida se eu permitisse que as coisas simplesmente acontecessem? Será que eu viveria mais e pensaria menos? Será que meu coração aceleraria, minhas mãos suariam e eu me sentiria viva mais vezes? Será que eu teria mais crushs reais e menos horas perdidas no feed do Instagram?

— É uma hora ruim?

Eu me assusto um pouco ao ouvir a voz dele e bato o joelho na mesa. Desse jeito, vou acabar ficando toda roxa até o final dessa quarentena. Erick está parado com os cotovelos escorados no parapeito da sacada.

— Não.

— Vi que você estava falando com seu pai. Parecia importante.

— Eu estava contando sobre a faculdade que vou trancar.

— Ah... — Ele abre a boca para continuar, mas interrompo.

— Vamos fazer alguma coisa legal? — Eu me levanto e vou para o mais perto dele que consigo, presa aqui, na minha varanda.

— O quê?

Sei lá, eu te conto que estou querendo te beijar e você me conta se beijaria.

— Esses dias eu estava vendo um pessoal brincar nos stories com aqueles filtros de perguntas e respostas, sabe? Aí tinha um que aparecia o nome de uma pessoa famosa e a pessoa respondia se pegaria ou não.

— Ah, então você quer descobrir que tipo de pessoa me interessa?

Sim!

— Na verdade, preciso saber que tipo de pessoa você é.

— E saber meus crushs ajudaria como?

— Em tudo, pensa um pouco! As pessoas que nos interessam dizem muito sobre o tipo de pessoa que somos.

Erick contorce a cara de um jeito engraçado.

— Tá bom, vamos lá. — Ele coloca os cotovelos sobre o parapeito, me desafiando.

— Selena Gomez?

— Faria. — Ele nem pensa, só responde de uma vez. — E você?

— Talvez... Taylor Swift?

A maneira como Erick tranca os dentes responde antes mesmo de ele dizer, como se fosse óbvio:

— Não.

— Também não. Rihanna?

— Porra, faria demais, lógico.

— Tá, Pabllo Vittar?

— Faria. Gloria Groove? — ele emenda a pergunta.

— Lógico que faria. Ela é completamente meu espírito bissexual. Montada e desmontada. — Penso um pouco. — O presidente?

— Ah, pelo amor de Deus, né?

— Eu?

Erick engasga.

Eu não deveria ter perguntado isso. A demora dele em responder faz minhas mãos suarem. Não quero dar na cara que estou nervosa, mas eu consigo controlar? Claro que não.

— Will Smith? — continuo, fingindo que nada aconteceu, e sorrio para mostrar que estou bem.

Não estou bem.

— Lógico que faria. — Ele responde, mas de um jeito estranho, com um sorriso forçado.

— O vizinho?

Erick cruza os braços, mas não fala nada.

— Então... — Encerro a brincadeira de vez, sem saber onde enfiar minha cara. É lógico que ele me ouviu perguntar sobre mim mesma e ficou com vergonha de dizer que não me pegaria.

— E o recado na cartolina? — Ele olha para a mesa atrás de mim. — Nós não vamos fazer?

E eu que pensei que não podia piorar.

— Vamos! — Minha voz sai fraca, algo parece ter se congelado por

todo o caminho entre meu estômago e minha boca. Mas não me importo mais em parecer ridícula. Quero terminar essa porcaria de mensagem idiota e me enfiar dentro do meu quarto até a quarentena passar. Vou até a mesa, pego o material e volto.

— Eu dito e você escreve? — O tom de desafio na voz dele me incomoda. Qualquer coisa que ele dissesse me incomodaria. Eu me sinto uma otária, uma boba, uma... aff!

Reviro os olhos.

— Para de enrolar e fala logo. — Destampo a caneta hidrográfica azul com a mão, me lembrando do sonho estranho que tive.

— Escreve aí: *Crush...*

Ele começa a ditar e vou anotando tudo, me concentrando para caprichar e ser rápida ao mesmo tempo.

— *Ontem eu terminei uma série muito doida que me fez pensar...*

— Sério? — interrompo. — Isso tudo? É para bater papo via cartolina?

— Ok. Eu dito o cartaz primeiro.

— Quê?

— Escreve aí: *quando essa quarentena acabar, a primeira coisa que vou fazer vai ser beijar a sua boca.* Muito rude?

Pego uma cartolina nova e jogo a outra no chão.

— Um pouco rude, sim. Sei lá, tem que falar com mais jeitinho — sugiro, com um pouco de desprezo. Aqui estou eu, dando conselhos para a pessoa que quero beijar sobre a melhor forma de se comunicar com o crush *dela*. Veja bem a situação.

— Tá. Coloca aí: *você sempre foi um mistério pra mim.*

Escrevo as palavras com capricho. Já que é para perder, vou perder com estilo.

— Que mais?

— *Pensei que o maior desafio dessa quarentena seria lidar com a sensação de prisão. Essa é a parte ruim, mas claro que necessária porque a gente tá falando de uma pandemia. É algo global...*

— Dá pra ser conciso, em nome de Deus?

Erick solta uma risada.

— O que você colocaria?

— *Você é gato pra caralho, eu sou gato pra caralho, vamos ser gatos juntos?*

E a risada fica mais alta ainda.

— Camila, como alguém te leva a sério?

— Ninguém me leva a sério. Você não tá me levando a sério. Vamos escrever o recado ou não?

— Vamos. Já sei o que quero dizer. Vai escrevendo enquanto eu falo. — Ele começa a dizer palavra por palavra. — *Só quero que essa quarentena acabe logo...*

E eu escrevo.

— *Pra gente deitar no chão do meu quarto...*

— Esse trem vai ficar grande!

— Só escreve, Camila.

— Ai, tá. — Escrevo. — Continua.

— *E assistir a terceira temporada de Star Trek: Discovery...*

Paro de anotar e olho para ele, que continua falando.

— *Enquanto eu roubo alguns beijos, te aperto um pouquinho e vejo ainda mais de perto o quanto você é linda.*

O chão sob os meus pés treme — ou são minhas pernas que vacilaram? Sinto o ar ficar preso na garganta e, por um instante, acho que vou passar mal.

— Escreveu? — Erick tem a cara de pau de perguntar, com esse sorriso lindo e cínico no rosto.

— Não, escrevi não. Não sei se vai dar para ler esse tanto de coisa lá do prédio da frente. — Cruzo os braços e ele joga a cabeça para trás.

— Ok, você venceu. O boy da frente é só um boy bonito, Camila. Você é mais. Eu estava planejando te dizer isso com a cartolina, mas você quase estragou com a brincadeira de antes. — Ele ainda está sorrindo. — É pra você que eu quero escrever recadinhos em cartolinas, aprender músicas novas e ver séries que bugam a minha mente. Eu quero saber se eu vou poder te beijar assim que o Ministério da Saúde permitir.

Não falo nada. Pego a caneta e a cartolina que está em branco e escrevo, bem grande, para não correr o risco de ele não ver.

“Vai.”

Viro a cartolina para Erick e, por cima dela, vejo que ele está sorrindo.

— Você tá tão pertinho — ele lamenta.

— Tecnicamente, estou a três metros de você.

Olho para as minhas mãos. Tem tinta azul nelas, pequenos pontinhos onde a caneta riscou sem que eu visse. Olho para Erick, penso nas mãos dele tocando as minhas, as minhas manchinhas azuis sendo dele também. Penso em ver de perto o desenho que ele tem no braço e desenhar no meu próprio

braço tentando uma imitação malfeita. Penso em quantas coisas a gente poderia fazer agora e em como seria mais fácil se tudo isso apenas passasse.

— Três metros! É muito mais do que eu gostaria que fosse.

— E quanto você gostaria que fosse?

— Nada.

Capítulo VI

Dia quatorze

Uma tosse ecoa pelo ar, depois tudo volta a ficar silencioso. As pessoas lá embaixo andam pelas ruas como sempre andaram. Elas se encontram, se abraçam, conversam, se beijam. Tudo está normalmente caótico. Mas daqui não posso ouvir o caos. Estou deitada com as costas no chão frio do quarto, Erick está do meu lado, desenhando flores simples e infantis na minha mão com uma caneta azul. Ele beija meu ombro e diz que tudo vai ficar bem. Eu me viro de lado e encosto minha testa na dele, puxo seu lábio inferior de leve com os meus dentes e... o som de algo caindo no chão me acorda.

Puta que pariu.

A bissexual não tem um dia de paz nessa quarentena.

— Droga! — Erick xinga alto no quarto ao lado do meu.

— Tá tudo bem aí? — Coloco o rosto para fora da janela.

— Deixei o violão cair. Eu te acordei?

— Uhum, mas não tem problema. — Volto para dentro do quarto e pego o celular, mandando um áudio para ele, enquanto sento na minha cama: — O que nós vamos ver hoje?

Me indicaram uma série que dizem ser ótima.

Qual?

The Twilight Zone.

Poxa, quero muito ver essa série.

Vamos essa, então?

Vamos.

Deito na cama e olho para o teto.

Ah, meu pai disse que vai fazer torta hoje de novo. Esse homem não cansa! Vou separar um pedaço pra você e colocar na sua porta.

Vai deixar um bilhetinho hoje?

Vou pensar no seu caso. Mas só vou fazer isso depois que o Marcelo sair pro trabalho. Ele me viu colocando torta na sua porta antes de ontem e não para de me sacanear desde então. Ele quase contou pros meus pais, aquele linguarudo!

Seu irmão é uma figura!

Falando nisso, quer dizer que você já tinha manifestado seu interesse por mim pro meu irmão antes?

Mas o Marcelo é linguarudo mesmo, viu?!

Nenhum de nós manda mensagem alguma por um tempão. Agoniada, eu me levanto e vou até a janela.

— Eu estava pensando em uma coisa — digo alto.

— O quê? — ele responde antes de aparecer na janela.

— Acho que o mundo não vai acabar.

— Por que você acha isso? — Erick escora os cotovelos e me olha, em desafio. — Só porque parou de sonhar com o fim do mundo?

— Não. Porque eu comecei a sonhar com coisas que eram simples e reais antes, mas são difíceis demais agora, como beijar meu vizinho, ir ao supermercado, ver algum filme cheio de explosões e enriquecer ainda mais uma empresa bilionária, *abraçar* pessoas. Lidar comigo mesma, com minha família, com meus medos. — Apoio minhas mãos na janela e olho para a frente, deixando o vento bater nos meus cabelos. Depois olho para Erick. — Acho que o mundo não vai acabar. Ele só vai ser diferente daqui em diante.

Erick sorri, quase como se estivesse me admirando.

— Eu espero mesmo que seja.

Eu me sinto tranquila, como não me sentia desde o começo da pandemia e dos meus pesadelos com o fim do mundo. É como se, apesar de tudo ainda estar caótico lá fora, algo aqui dentro tivesse encontrado seu lugar.

Retribuo o sorriso.

— Eu também.

Leia os outros contos da série “**Clichês em rosa, roxo e azul**”

Mas... e se?

E se o cantor sertanejo Henrique voltasse para casa depois de uma temporada de shows e tivesse que aprender a lidar com o novo namorado de sua esposa?

E se esse novo namorado o fizesse se sentir mais em casa do que nunca?

Um corpo de verão

Tudo o que Vanessa queria era aproveitar o fim de semana para se reaproximar da (beijar a) amiga de infância e pegar uma corzinha à beira da piscina. Mas a insegurança de Bia mais afastou do que uniu as duas.

Um livro, uma piscina sem sol e uma música da Taylor Swift serão capazes de colocar os planos de Vanessa de volta nos eixos?

Espero que não perca

Em 1938, Mercedes encontrou Alzira e tentou não se perder dela. Mas, se hoje para duas mulheres ainda é difícil viver um grande amor, imagina em uma época onde os pais ainda definiam o destino de suas filhas?

Outra dimensão para nós dois

Maycon é apaixonado pelo amigo com quem divide a república, mas Rafael só quer saber de baladas e relacionamentos sem compromisso. Tudo muda quando os dois se isolam durante a quarentena em uma casa antiga, cortada por uma fenda que os leva a outras dimensões.

Estrela e a Flor

Está frio na noite da festa mais importante para a família de Estrela. E nada faz a fogueira acender. Exceto Flor, uma misteriosa garota de cabelos roxos.

Azeitonas

Cecília está passando a quarentena com o avô, e faz compras para ele e para os vizinhos. Até que, um dia, ela troca as sacolas do avô com as da pessoa que mora no 13b, e acaba virando a garota de recados de dois idosos apaixonados.

As razões de Henrique

Em 2003, quando Henrique foi morar no interior de Minas Gerais, nunca pensou que se apaixonaria tanto... e por pessoas de gêneros diferentes.

Emma, Cobra e a criatura da parede

Emma está ouvindo uma voz vinda de dentro de sua parede. Cobra está ouvindo os pensamentos de Emma. Na tentativa de recuperar a amizade perdida entre os dois, eles vão se juntar para descobrir o que diabos está acontecendo com a parede da garota.

Acho que eu fiz uma música

Juan é apaixonado pelo cantor sertanejo João Vinícius desde a adolescência. E, agora, finalmente o rapaz tem a chance de conhecer seu ídolo. Mas, para isso, vai precisar da ajuda de uma garota...

Bregafunk do amor

Há uma coisa que une Ana Cecília, Felipe e Mirela: o amor pelos livros super gays de Mariano Madeira. Agora, os três vão se aventurar em uma estranha viagem para conhecer o ídolo.

Um Papai Noel de outro planeta

Um evento não-natural causou a destruição do planeta de Noa, espalhando pedaços por toda a galáxia. Alguns deles caíram no Brasil, especificamente no interior de Minas Gerais, causando fendas no espaço-tempo.

E agora cabe a Noa consertar o problema!

Enquanto isso, na Terra, Gal está procurando por sua namorada que desapareceu do nada. E vai contar com a ajuda de um estranho Papai Noel

para descobrir onde a garota foi parar!

Sobre a autora

MARIA FREITAS é mineira do interior, bi e assexual. É autora de [Cartas para Luísa](#), livro vencedor do Prêmio Mix Literário em 2020, [Sempre estive aqui](#), [As razões de Cris](#) e da série de contos com protagonistas bissexuais, [Clichês em rosa, roxo e azul](#), que, juntos, já foram baixados mais de 75 mil vezes na Amazon.

www.mariafreitas.com.br

Instagram: [@mariafreitaslivros](#)

Twitter: [@themarkiafreitas](#)

Faça parte do [Clube da Maria](#), uma newsletter GRATUITA com histórias exclusivas, brindes, descontos, novidades e muito mais. Ah, e tem também a versão Premium: <https://apoia.se/clubedamaria>.

MARIA FREITAS © 2020

Esta é uma obra de ficção.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sem a autorização
prévia da autora.

Edição e revisão: Clara Alves

Leitura Sensível: Koda Gabriel

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F862 Freitas, Maria

Amor de Janela / Maria Freitas

São João do Manteninha/MG, 2020.

1. Ficção Brasileira. 2. Literatura Brasileira. I. Título.

CDD: B869

Todos os direitos desta publicação reservados à
Maria Madalena de Freitas Souza

www.mariafreitas.com.br